

Copyright Margaret Mead © 1928, 1955, 1961, Margaret Mead (direitos acordados com HarperCollins Publishers através da Agência Riff)  
Copyright Edward Sapir © 1949, The Regents of The University of California  
Copyright da seleção e apresentação © 2015, Celso Castro

Copyright desta edição © 2015:

Jorge Zahar Editor Ltda.

rua Marquês de S. Vicente 99 – 1º | 22451-041 Rio de Janeiro, RJ

tel (21) 2529-4750 | fax (21) 2529-4787

editora@zahar.com.br | www.zahar.com.br

Todos os direitos reservados.

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Grafia atualizada respeitando o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

Preparação: Angela Ramalho Vianna | Revisão: Eduardo Farias, Eduardo Monteiro  
Capa: Estúdio Insólito | Foto da capa: Margaret Mead e duas meninas samoanas, c.1926. Reprodução autorizada pela American Anthropological Association

CIP-Brasil. Catalogação na fonte  
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

---

B399C Benedict, Ruth  
Cultura e personalidade/Ruth Benedict, Margaret Mead, Edward Sapir; organização Celso Castro; tradução Maria Luiza X. de A. Borges. – Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

(Nova Biblioteca de Ciências Sociais)

Tradução de: Configurations of culture in North America, Coming of age in Samoa, The emergence of the concept of personality in a study of cultures

ISBN 978-85-378-1404-8

1. Cultura. 2. Estrutura social. 3. Sociologia. 4. Antropologia. I. Mead, Margaret. II. Sapir, Edward. III. Castro, Celso. IV. Título. V. Série.

15-19230

CDD: 306

CDU: 316.7

## Sumário

Apresentação 7

1. A adolescência em Samoa 17

MARGARET MEAD

2. Configurações de cultura na América do Norte 66

RUTH BENEDICT

3. A emergência do conceito de personalidade em um estudo de culturas 110

EDWARD SAPIR

Notas 124

Os textos aqui reunidos foram originalmente publicados em:

- Margaret Mead, *Coming of Age in Samoa: a Psychological Study of Primitive Youth for Western Civilization*. Londres, HarperCollins, 1928, p.1-13 e p.195-233.
- Ruth Benedict, "Configurations of culture in North America", in *American Anthropologist*, v.34, n.1, jan-mar 1932, p.1-27.
- Edward Sapir, "The emergence of the concept of personality in a study of cultures", in David G. Mandelbaum (ed.), *Selected Writings of Edward Sapir in Language, Culture, and Personality*. Oakland, University of California Press, 1949, p.590-7.

## Apresentação\*

CELSO CASTRO

NO PERÍODO ENTRE as duas grandes guerras mundiais floresceu nos Estados Unidos uma das mais importantes tradições da história da antropologia, muitas vezes referida como "Escola de Cultura e Personalidade". A reunião desses dois termos reflete de imediato seus interesses centrais.

Por um lado está a importância do conceito de "cultura" para a compreensão da vida humana. Embora "cultura" estivesse presente desde os primeiros clássicos do pensamento antropológico, ela era agora entendida a partir da vigorosa crítica que Franz Boas (1858-1942), antropólogo alemão emigrado para os Estados Unidos, fez da tradição evolucionista em antropologia.<sup>1</sup> Se antes era usada muitas vezes como sinônimo de "civilização", com certo tom de superioridade, de ponto mais alto da evolução sociocultural humana, sob a orientação de Boas a antropologia passou a utilizar o termo principalmente no plural, adotando uma perspectiva relativizadora e não hierarquizante das diferentes culturas. Boas tomava cada cultura singular como uma totalidade, sem dissolver seus "elementos" numa grande trajetória evolutiva. Ele também teria papel destacado na crítica à ideia de raça e no enfrentamento

---

Celso Castro é doutor em antropologia social pelo Museu Nacional/UFRJ e professor e atual diretor da Escola de Ciências Sociais/CPDOC/FGV.

\* Agradeço a leitura e os comentários que Arbel Griner fez desta apresentação.

ao racismo, então muito poderosos não só nos Estados Unidos, mas em todo o mundo.

O outro termo associado ao nome dessa “escola” de antropologia reflete o impacto decisivo que a psicologia e em particular a psicanálise tiveram no mundo durante esse período, especialmente a partir das obras de Sigmund Freud e Carl Jung. Se “cultura” se reportava a conjuntos de indivíduos que adotavam visões de mundo e seguiam estilos de vida específicos, “personalidade” referia-se a diferenças entre os indivíduos em relação a padrões de comportamento, cognição e emoção. Qual a conexão entre os dois termos? Em que medida um se vincula ao outro? Diferentes culturas podem ser associadas a tipos psicológicos diversos? Em que medida a estrutura da psique, os “tipos psicológicos” ou as etapas do desenvolvimento da personalidade são universais?

Questões como essas estiveram no centro do debate antropológico da época. Este livro reúne textos dos principais autores associados à “Escola de Cultura e Personalidade”: Ruth Benedict, Margaret Mead e Edward Sapir. Não por acaso os três foram alunos de Franz Boas, e por ele profundamente influenciados. Boas, vale assinalar, também havia lido com interesse a obra de psicanalistas como seu contemporâneo Freud. Ele não concordava, contudo, com o caráter supostamente universal de suas teorias nem com a associação entre a mente do homem “primitivo” e a psique das crianças ou de indivíduos neuróticos.

Benedict, Mead e Sapir tiveram suas trajetórias intelectuais e pessoais em boa medida entrelaçadas, daí ser difícil apresentá-las isoladamente. Veremos, a seguir, alguns marcos de suas vidas e das obras que produziram.<sup>2</sup>

Ruth Fulton Benedict (1887-1948) ingressou como estudante de Franz Boas na Universidade Columbia, Nova York, em 1919, obtendo seu doutorado em 1923. Boas se tornou sua principal referência intelectual e profissional – Ruth Benedict referia-se a ele, carinhosamente, como “Papa Franz”. Sediado na Universidade Columbia, Boas era a liderança principal da antropologia nos Estados Unidos. Entre 1892 e 1926, dos 45 doutorados em antropologia defendidos no país, Boas orientou dezenove (42,2%).<sup>3</sup> Na década de 1930, antropólogos que haviam estudado com Boas chefiavam os principais departamentos de antropologia do país. Quando de sua morte, em 1942, Boas havia publicado centenas de artigos em todos os campos da antropologia: arqueologia, linguística, antropologia cultural e antropologia física.

Paralelamente a seus estudos de antropologia com Boas, Ruth Benedict desenvolveu uma atividade literária, publicando vários poemas sob pseudônimo, embora com pouco sucesso. Seguindo a tradição boasiana de pesquisas de campo, Benedict estudou os índios Serrano na Califórnia e os Zuñi, Cochiti e Pima nas planícies do Sudoeste americano. Além disso, visitou outros grupos indígenas acompanhando seus estudantes. Escreveu alguns artigos importantes sobre suas pesquisas, porém, seu trabalho de maior impacto foi o livro *Patterns of Culture* (1934), que se tornou um best-seller para muito além das fronteiras da antropologia, influenciando outras disciplinas acadêmicas e atingindo um amplo público. Seu artigo “Configurações de cultura na América do Norte”, aqui publicado, foi escrito na mesma época e resume algumas das ideias centrais do livro, como a de que cada cultura reúne elementos de origens díspares, porém mais ou menos integrados segundo um *padrão* singular.

Tomando de empréstimo os termos “apolíneo” e “dionisíaco” usados por Friedrich Nietzsche em seu estudo sobre a Grécia clássica, Ruth Benedict classifica dois tipos opostos de cultura de índios do Sudoeste americano: o dos Pueblo – “apolíneos” – e o de várias culturas ao seu redor – “dionisíacos”. O ethos apolíneo enfatiza a sobriedade e a moderação, desconfiando do excesso e da orgia; o dionisíaco valoriza o excesso, tanto psíquico (sonhos, transe) quanto físico (embriaguez, uso de drogas, orgias etc.). Nesse sentido, ela vê as culturas como projeções ampliadas da psicologia individual, dotadas de grandes proporções e de uma longa duração. Essa perspectiva permite-lhe reelaborar a questão, muito debatida na época, acerca dos indivíduos “desajustados”, que passavam a ser vistos como aqueles cujas disposições inatas não eram aquelas capitalizadas por sua cultura.

Ruth Benedict manteve uma longa amizade com o também antropólogo Edward Sapir (1884-1939), autor do capítulo sobre “A emergência do conceito de personalidade em um estudo de culturas”.<sup>4</sup> Sapir nasceu na Alemanha, porém seus pais migraram para os Estados Unidos em 1890. Quando estudava na Universidade Columbia, ele foi profundamente influenciado pelos estudos de Franz Boas sobre linguística, e esse fato levou-o ao estudo de línguas indígenas do Noroeste americano para sua tese de doutorado, defendida em 1908. Em 1910 Sapir mudou-se para Ottawa, onde assumiu a então recém-criada divisão de antropologia do Geological Survey of Canada. Lá viveu por quinze anos, ao longo dos quais se sentiu academicamente isolado – a cidade não possuía uma universidade –, mas pôde realizar várias temporadas de pesquisa de campo entre tribos indígenas canadenses, documentando suas cultu-

ras e línguas, e defendendo seus direitos em várias ocasiões. Enquanto morava no Canadá, Sapir tornou-se amigo de Ruth Benedict. Ambos mantiveram uma extensa correspondência, na qual trocavam opiniões sobre poemas e textos de antropologia que escreviam. Sempre que ia a Nova York, Sapir a visitava.

Em 1922, Ruth Benedict dava um curso de antropologia no Barnard College, como assistente de Boas, quando conheceu Margaret Mead (1901-1978), então aluna de graduação. Pouco tempo depois de se conhecerem, as duas tornaram-se amigas e, a partir de 1924, amantes, embora ambas mantivessem seus casamentos e não assumissem publicamente seu relacionamento. Apesar de defenderem o amor livre, a experimentação sexual e criticarem o sentimento de ciúme, temiam comprometer suas carreiras. Após graduar-se em 1923, Mead passou a estudar em Columbia com Boas e Benedict, concluindo sua dissertação de mestrado em 1924. Em 1925, Sapir e Mead mantiveram um breve caso. A relação entre os dois deteriorou-se pouco depois, vindo a afetar também a amizade que Sapir tinha com Benedict.

Sapir mudou-se para a Universidade de Chicago em 1925. Lá obteve rápido reconhecimento e distinção acadêmica, desenvolvendo uma obra importante não apenas no campo da antropologia, mas também no da linguística. Foi um dos criadores da “Hipótese de Sapir-Whorf”, que leva, além de seu nome, o de seu aluno Benjamin Whorf, e que se tornou uma referência para o relativismo linguístico. A hipótese sustenta que a linguagem influencia decisivamente a forma como os indivíduos pensam; desse modo, pode-se dizer que a linguagem funda a realidade – uma determinada realidade, variável segundo as diferentes culturas – e que seu estudo representa uma via de acesso à concepção de mundo de cada cultura.

Margaret Mead, por sua vez, partiu em 1925 para uma pesquisa de campo no Pacífico Sul, em Samoa, por sugestão de Boas, interessado no estudo comparativo da adolescência. Nesses tempos “heroicos” da disciplina, era também forte a vontade de documentar as diferentes culturas ao redor do mundo antes que fossem destruídas ou irremediavelmente alteradas. Mead tinha 23 anos e nunca havia viajado para o exterior. Ela passou oito meses em Samoa, de setembro de 1925 até o fim de maio de 1926. O resultado dessa experiência foi consolidado num livro que se tornou um marco nos estudos antropológicos: *Coming of Age in Samoa* (“A adolescência em Samoa”), publicado em 1928, e que tem partes incluídas na presente coletânea, traduzidas pela primeira vez para o português. O livro teve enorme repercussão, não apenas por tratar abertamente da sexualidade, mas também pela perspectiva comparativa (e crítica) que estabelecia, ao mostrar que a adolescência não era necessariamente uma fase de crise, e que a tentativa da sociedade americana contemporânea de esconder e reprimir a sexualidade das jovens criava sérios problemas.

Muitos anos mais tarde, já após sua morte, a pesquisa de campo de Margaret Mead em Samoa viria a ser duramente criticada pelo antropólogo neozelandês Derek Freeman,<sup>5</sup> que não apenas rejeitou suas conclusões, como também suas qualificações como pesquisadora de campo. As críticas de Freeman suscitaram uma das maiores polêmicas na história da antropologia. Independente da validade de suas críticas, um fato a ser ressaltado é que Freeman fez sua pesquisa muitas décadas depois de Mead, e numa parte diferente de Samoa.

Na viagem de volta de Samoa, Margaret Mead apaixonou-se pelo antropólogo neozelandês Reo Fortune (1903-1979), com

quem se casou após divorciar-se do primeiro marido. Em 1926, de volta a Nova York, por indicação de Boas, ela passou a trabalhar como curadora-assistente no American Museum of Natural History, onde permaneceria até aposentar-se. Concluiu seu doutorado em Columbia, em 1929. Mead voltou a campo várias vezes, principalmente para a Nova Guiné, onde conheceu seu terceiro marido, o inglês e também antropólogo Gregory Bateson (1904-1980), com quem ficaria casada entre 1936 e 1950 e com quem teve sua única filha, Mary Catherine Bateson (nascida em 1939), que também se tornaria antropóloga. Mead fez pesquisa de campo com Bateson em Bali entre 1936 e 1939, e juntos publicaram *Balinese Character: A Photographic Analysis* (1942), um marco da antropologia visual, que inclui 759 fotografias selecionadas dentre as 25 mil que tiraram. Além disso, fizeram filmagens de diversos aspectos da cultura balinesa.

Da estada na Nova Guiné resultou um dos livros mais importantes de Mead, *Sex and Temperament in Three Primitive Societies* (1935),<sup>6</sup> publicado um ano após *Patterns of Culture*, de Ruth Benedict. Escritos no auge da Grande Depressão americana, os dois livros alcançaram uma ampla audiência e foram muito inovadores nos temas que abordavam. Mesmo quando criticados, passaram a fazer parte do cânone da antropologia. Em seus livros, cada autora comparou três sociedades: Ruth Benedict, os Zuñi do Novo México, os Dobuan da Melanésia e os Kwakiutl da ilha de Vancouver (British Columbia, Canadá); Margaret Mead, os Arapesh, os Mundugumor e os Tchambuli da Nova Guiné. Ambas identificaram padrões dominantes em cada uma dessas sociedades e mostraram como indivíduos tidos como anormais ou desviantes nessas sociedades seriam perfeitamente adaptados e vistos como normais em outras. Ao

mesmo tempo, mais ou menos abertamente, ambas criticavam a sociedade americana de sua época.

O ano de 1931 foi importante, do ponto de vista profissional, tanto para Edward Sapir quanto para Ruth Benedict. Nesse ano, Sapir mudou-se para a Universidade Yale, onde chefiou o Departamento de Antropologia e permaneceu até sua morte, em 1939. Em Yale, Sapir procurou criar um programa de pesquisas interdisciplinar que combinasse antropologia, linguística e psicologia, com o objetivo de estudar o impacto da cultura sobre a personalidade.

Também em 1931, Ruth Benedict, sob a proteção de Boas, tornou-se professora de antropologia em Columbia, onde permaneceria pelo resto da vida. Após a aposentadoria de Boas, em 1937, ela seria sua herdeira natural para chefiar o Departamento de Antropologia. O reitor da universidade, contudo, interessado em restringir a influência dos discípulos de Boas, que considerava politicamente radicais, nomeou Ralph Linton para o posto. Em 1948, pouco antes de morrer, Benedict foi promovida a *full professor* (professora titular) na Faculty of Political Science, a primeira mulher a atingir esse status.

Durante a Segunda Guerra Mundial, Ruth Benedict e Margaret Mead uniram-se ao esforço de guerra americano e tornaram-se expoentes do que ficou conhecido como “antropologia aplicada”. Benedict tornou-se analista de culturas estrangeiras do Office of War Information (OWI) e produziu análises sobre a Dinamarca, a Tailândia, a Romênia e em especial o Japão – então, o maior inimigo americano na guerra. Em 1946, ela publicou *O crisântemo e a espada: padrões da cultura japonesa*,<sup>7</sup> o exemplo mais acabado do método de análise de caráter nacional que chamou de “*culture at a distance*” (“cultura a distância”).

A pesquisa envolveu entrevistas com japoneses residentes nos Estados Unidos e análise de materiais como filmes e romances.

Após a morte de Benedict, Margaret Mead continuou ativa, mantendo presença constante na mídia norte-americana e falando sobre os mais variados assuntos para o grande público, até seu falecimento, em 1978.<sup>8</sup>

Os três personagens incluídos neste livro, além do impacto acadêmico dos trabalhos que produziram, mantiveram também atuação como intelectuais públicos. Vale observar que os três foram presidentes da American Anthropological Association: Sapir em 1938, Benedict em 1947 e Mead em 1960. A influência dos estudos sobre cultura e personalidade que eles desenvolveram viria a perder espaço na antropologia não apenas por suas mortes, mas também como resultado da crescente influência do estruturalismo a partir dos anos 1950. Mesmo assim, a tradição que construíram permanece parte obrigatória da história da disciplina.

## 1. A adolescência em Samoa

MARGARET MEAD

### Introdução

Durante os últimos cem anos, pais e professores deixaram de encarar a infância e a adolescência como ponto pacífico. Em vez de buscar encaixar a criança num molde educacional inflexível, tentaram adaptar a educação às necessidades dela. Duas forças os impeliram a essa nova tarefa: o desenvolvimento da ciência da psicologia; as dificuldades e os desajustamentos da juventude. A psicologia sugeriu que havia muito a ganhar com o conhecimento da maneira como as crianças se desenvolviam, dos estágios através dos quais elas passavam, do que o mundo adulto podia esperar razoavelmente do bebê de dois meses ou da criança de dois anos. As fulminações do púlpito, os lamentos ruidosos do filósofo social conservador, os registros dos tribunais da juventude e das agências de assistência social, tudo isso sugeria que alguma coisa deveria ser feita com o período que a ciência havia rotulado de adolescência. O espetáculo de uma geração mais jovem que divergia cada vez mais amplamente dos padrões e ideais do passado, geração deixada à deriva sem a ancoragem de padrões domésticos respeitados ou valores religiosos coletivos, aterrorizava o reacionário cauteloso, atraía o propagandista radical a empreender cruzadas missionárias em meio à juventude indefesa e preocupava os menos esclarecidos dentre nós.

Na civilização americana, com suas muitas linhagens de imigrantes, suas dezenas de padrões conflitantes de conduta, suas centenas de seitas religiosas, suas condições econômicas cambiantes, esse status intranquilo, perturbado, da juventude era mais evidente que na civilização mais antiga e mais acomodada da Europa. As condições americanas desafiaram o psicólogo, o educador, o filósofo social, a oferecer explicações aceitáveis para os problemas da criança em desenvolvimento. Como hoje na Alemanha do pós-guerra, onde as gerações mais jovens têm ajustamentos ainda mais difíceis a fazer que nossas crianças, um grande volume de teorizações sobre a adolescência inunda as livrarias; assim, nos Estados Unidos, o psicólogo tentou explicar a inquietação da juventude. O resultado foram obras como a de Stanley Hall sobre "Adolescência", que atribuiu ao período pelo qual as crianças estavam passando a causa de seu conflito e sofrimento. A adolescência foi caracterizada como a fase em que o idealismo florescia e a rebelião contra a autoridade ganhava força, um espaço de tempo durante o qual dificuldades e conflitos eram absolutamente inevitáveis.

O psicólogo infantil cuidadoso, que baseava suas conclusões em experimentos, não endossou essas teorias. Ele disse:

Não temos dados. Sabemos pouco sobre os primeiros meses de vida de uma criança. Estamos apenas aprendendo quando os olhos de um bebê seguirão a luz pela primeira vez. Como podemos dar respostas definitivas para questões relativas ao modo como uma personalidade desenvolvida, sobre a qual nada sabemos, reagirá à religião?

Mas as advertências negativas da ciência nunca são bem aceitas. Se o experimentalista não se comprometia, o filósofo, o pregador e o pedagogo faziam um esforço maior para dar uma resposta mais fácil. Eles observaram o comportamento dos adolescentes em nossa sociedade, registraram os sintomas onipresentes e óbvios de desassossego e anunciaram esses aspectos como característicos do período. Mães eram avisadas de que "filhas na adolescência" apresentam problemas especiais. Esse, diziam os teóricos, é um período difícil. As mudanças físicas que se processam no corpo de seus meninos e meninas têm suas implicações psicológicas específicas. É impossível escapar tanto de uns quanto de outros; à medida que o corpo de sua filha muda, deixando de ser infantil para se converter num corpo de mulher, seu espírito também mudará de maneira inevitável – e tempestuosa. Os teóricos olhavam à sua volta para os adolescentes em nossa civilização e repetiam com grande firmeza: "Sim, tempestuosa."

Semelhante concepção, embora não sancionada pelo experimentalista cauteloso, ganhou ampla aceitação, influenciou nossa política educacional, paralisou nossos esforços parentais. Assim como deve se preparar para o choro do bebê quando nasce seu primeiro dente, a mãe também tem de se fortalecer e suportar com toda a equanimidade que lhe for possível as manifestações desagradáveis e turbulentas da "idade difícil". Se não havia nenhuma censura a fazer à criança, tampouco havia algum programa, exceto tolerância, a recomendar ao professor. O teórico continuava a observar o comportamento dos adolescentes americanos, e a cada ano proporcionava novas justificações para sua hipótese, à medida que as dificuldades da juventude eram ilustradas e documentadas nos registros das escolas e dos tribunais juvenis.

Nesse meio-tempo, porém, outra maneira de estudar o desenvolvimento humano ganhava terreno, a abordagem do antropólogo, do estudioso do homem em todos os seus mais diversos contextos sociais. O antropólogo, à medida que refletia sobre seu crescente corpus de material referente aos costumes de povos primitivos, começava a compreender o enorme papel desempenhado na vida de um indivíduo pelo ambiente social em que cada um nasce e é criado. Um a um, aspectos do comportamento que havíamos nos acostumado a considerar complementos invariáveis de nossa humanidade revelaram-se meros resultados da civilização, presentes nos habitantes de um país, ausentes em outro, e isso sem mudança de raça. Ele aprendeu que nem raça nem humanidade comum podem ser consideradas responsáveis por muitas das formas que mesmo emoções humanas tão básicas quanto amor, medo e raiva assumem sob diferentes condições sociais.

Assim, o antropólogo, refletindo a partir de suas observações acerca do comportamento de seres humanos adultos em outras civilizações, chega a muitas das mesmas conclusões que o behaviorista atinge em seu trabalho com bebês humanos que ainda não têm nenhuma civilização para moldar sua maleável humanidade.

Com essa atitude diante da natureza humana, o antropólogo ouviu o comentário corrente sobre a adolescência. Viu atitudes que lhe pareciam depender do ambiente social – como rebelião contra a autoridade, perplexidades filosóficas, florescimento do idealismo, conflito e luta – serem atribuídas a uma fase de desenvolvimento físico. E, com base em seu conhecimento do determinismo da cultura, da plasticidade dos seres humanos, ele duvidou. Eram essas dificuldades decor-

rentes do fato de ser adolescente ou do fato de ser adolescente nos Estados Unidos?

Para o biólogo que duvida de uma hipótese antiga ou deseja pôr à prova uma nova proposição, há o laboratório biológico. Ali, em condições sobre as quais pode exercer o mais rígido controle, ele consegue variar a luz, o ar, o alimento que suas plantas ou animais recebem, desde o momento do nascimento e durante toda a sua existência. Mantendo todas as condições constantes, exceto uma, ele pode fazer medições precisas do efeito desta última. Esse é o método ideal da ciência, o método do experimento controlado, por meio do qual todas as hipóteses podem ser submetidas a um teste estritamente objetivo.

Mesmo o estudioso da psicologia infantil só pode reproduzir parcialmente essas condições ideais de laboratório. Ele não tem como controlar o ambiente pré-natal da criança que submeterá mais tarde a medições objetivas. No entanto, pode controlar o ambiente inicial da criança, os primeiros dias de sua existência, e decidir que sons, visões, cheiros e gostos devem afetá-la.

Para o estudioso da adolescência, contudo, não existe tal simplicidade de condições de trabalho. O que desejamos testar é nada menos que o efeito da civilização sobre um ser humano em desenvolvimento na puberdade. Para pô-lo à prova da maneira mais rigorosa, teríamos de construir vários tipos de civilização diferentes e submeter grande número de crianças adolescentes a esses ambientes diversos. Faríamos uma lista das influências cujos efeitos desejássemos estudar. Se quiséssemos estudar a influência do tamanho da família, construiríamos uma série de civilizações semelhantes em todos os aspectos, exceto na organização da família. Se encontrássemos depois distinção no comportamento de nossos

adolescentes, poderíamos dizer com segurança que o tamanho da família havia causado a diferença; que, por exemplo, o filho único tinha uma adolescência mais conturbada que a criança pertencente a uma família numerosa. E assim poderíamos proceder através de uma dúzia de situações possíveis: conhecimento sexual precoce ou tardio; experiência sexual precoce ou tardia; pressão para o desenvolvimento precoce ou desestímulo ao desenvolvimento precoce; segregação dos sexos ou coeducação desde a tenra infância; divisão do trabalho entre os sexos ou tarefas comuns para ambos; pressão para fazer escolhas religiosas cedo ou ausência de tal pressão. Faríamos um fator variar, mantendo os demais razoavelmente constantes, e analisaríamos que aspectos de nossa civilização seriam responsáveis pelas dificuldades de nossas crianças na adolescência, caso houvesse algum.

Por infortúnio, esses métodos ideais de experimentação nos são negados quando nosso material consiste em seres humanos e em todo o tecido de uma ordem social. A colônia-teste de Heródoto, em que bebês deveriam ser isolados, e os resultados registrados, não é uma abordagem possível. Tampouco é viável o método de selecionar a partir de nossa própria civilização grupos de crianças que correspondam a um requisito ou outro. Esse método consistiria em selecionar quinhentos adolescentes de famílias pequenas e quinhentos de famílias numerosas e tentar descobrir quais haviam experimentado as maiores dificuldades de ajustamento na adolescência. Mas não poderíamos saber quais eram as outras influências exercidas sobre essas crianças, que efeito seu conhecimento sobre sexo ou o ambiente de sua vizinhança poderia ter tido sobre seu desenvolvimento adolescente.

Que método, então, está aberto para nós, que desejamos realizar um experimento humano, mas não temos poder, seja para construir as condições experimentais, seja para encontrar exemplos controlados dessas condições espalhados aqui e ali por toda a nossa própria civilização? O único método é o do antropólogo: ir para uma civilização diferente e fazer um estudo de seres humanos sob condições culturais diferentes em alguma outra parte do mundo. Para esses estudos o antropólogo escolhe povos muito simples, primitivos, cuja sociedade jamais alcançou a complexidade da nossa. Nessa escolha de povos primitivos como esquimós, australianos, ilhéus dos Mares do Sul ou índios pueblos, o antropólogo é guiado pelo conhecimento de que é mais fácil levar a cabo a análise de uma civilização mais simples.

Em civilizações complicadas como as da Europa, ou as civilizações mais elevadas do Oriente, anos de pesquisa são necessários antes que o estudioso comece a compreender as forças em ação dentro delas. Um estudo da família francesa, apenas, envolveria um exame preliminar da história francesa, ou do direito francês, das atitudes católicas e protestantes em relação ao sexo e às relações pessoais. Um povo primitivo sem língua escrita apresenta problema bem menos intrincado, e o estudioso treinado pode dominar a estrutura fundamental de uma sociedade primitiva em poucos meses.

Além disso, não escolhemos uma comunidade camponesa simples na Europa ou um dos grupos isolados de montanhese pobres brancos estabelecidos no Sul dos Estados Unidos, porque os modos de vida desses povos, embora simples, pertencem essencialmente à tradição histórica em que se inserem as partes complexas da civilização europeia ou americana. Em

vez disso, escolhemos grupos primitivos que têm milhares de anos de desenvolvimento histórico em linhas completamente diversas das nossas, cuja língua não possui nossas categorias indo-europeias, cujas ideias religiosas são de natureza diversa, cuja organização social não só é mais simples como muito diferente da nossa. A partir desses contrastes, vívidos o bastante para surpreender e esclarecer aqueles acostumados ao nosso próprio ambiente de vida e simples o bastante para serem logo compreendidos, é possível aprender muitas coisas sobre o efeito de uma civilização sobre os indivíduos que nela vivem.

Assim, para investigar o problema particular, não escolhi ir para a Alemanha ou para a Rússia, mas para Samoa, uma ilha dos Mares do Sul a cerca de 30° do equador, habitada por um povo polinésio moreno. Como eu era mulher e podia esperar obter maior intimidade trabalhando com meninas, e não com meninos, e porque, em razão de uma escassez de mulheres etnólogas, nosso conhecimento sobre meninas primitivas é muito mais superficial que aquele sobre meninos, optei focalizar a menina adolescente em Samoa.

Ao optar por isso, porém, fiz algo muito diferente do que teria feito se me concentrasse num estudo da menina adolescente em Kokomo, em Indiana. Neste último caso, eu teria ido direto ao ponto crucial do problema; não teria de me deter muito sobre a língua de Indiana, as maneiras à mesa ou os hábitos de sono de meus sujeitos, nem fazer um estudo extensivo de como eles aprendiam a se vestir, a usar o telefone, ou sobre o significado do conceito de consciência em Kokomo. Todas essas coisas são o tecido geral da vida americana, do meu conhecimento como investigadora, do conhecimento de vocês como leitores.

Com esse novo experimento sobre a menina adolescente primitiva, porém, a questão era inteiramente oposta. Ela falava uma língua cujos sons me eram estranhos, em que substantivos se tornavam verbos e vice-versa, como num passe de mágica. Todos os seus hábitos de vida eram diferentes. Ela se sentava de pernas cruzadas no chão, e sentar-se numa cadeira a deixava rígida e infeliz. Comia com os dedos, de um prato de fibra trançada; dormia no chão. Sua casa era um mero círculo de pilstras, coberta com um cone de colmo, atapetada com fragmentos de coral desgastados pela água. Todo o seu ambiente material era diferente. Coqueiros, pés de fruta-pão e mangueiras balançavam sobre sua aldeia. A menina nunca tinha visto um cavalo, não conhecia nenhum animal, exceto o porco, o cachorro e o rato. Sua comida era inhame, fruta-pão, bananas, peixe, pombos selvagens, porcos cozidos e caranguejos. Do mesmo modo como era necessário compreender esse ambiente físico, essa rotina de vida tão diferente da nossa, conhecer seu ambiente social em suas atitudes em relação a crianças, em relação a sexo e à personalidade apresentava forte contraste com o ambiente da menina americana.

Concentrei-me nas meninas da comunidade. Passava a maior parte do tempo com elas. Estudei com a máxima atenção as famílias em que as adolescentes viviam. Fiquei mais tempo nas brincadeiras infantis que nos conselhos dos anciãos. Falando sua língua, comendo sua comida, sentando-me descalça e de pernas cruzadas no piso forrado de seixos, fiz o possível para minimizar as diferenças entre nós e para aprender a conhecer e compreender todas as meninas de três aldeias na costa na pequena ilha de Ta'ū, no arquipélago Manu'a.

Durante os nove meses que passei em Samoa, reuni muitos fatos detalhados sobre essas meninas, o tamanho de suas famílias, a posição e fortuna de seus pais, o número de seus irmãos e irmãs, a quantidade de experiências sexuais que haviam tido. Todos esses fatos rotineiros são resumidos numa tabela no apêndice. Eles são apenas o esqueleto mais simples, mal chegando a constituir matéria-prima para um estudo de situações familiares e relações sexuais, padrões de amizade, lealdade, responsabilidade pessoal, todos esses impalpáveis centros de turbulência na vida de nossas adolescentes. Como essas partes menos mensuráveis de suas vidas eram tão similares, como a vida de uma menina era tão parecida com a de outra, numa cultura não complexa e uniforme como Samoa, sinto-me justificada ao generalizar, embora tenha estudado apenas cinquenta meninas em três pequenas aldeias vizinhas.

Nos capítulos que se seguem, descrevi a vida dessas meninas, de suas irmãzinhas que logo serão adolescentes, de seus irmãos, com quem um rigoroso tabu as proíbe de conversar, de suas irmãs mais velhas, que deixaram a puberdade para trás, dos anciãos de suas famílias, de suas mães e pais, cujas atitudes perante a vida determinam as atitudes dos filhos. Por meio dessa descrição tentei responder à pergunta que me enviou a Samoa: são as perturbações que atormentam nossos adolescentes consequência da natureza da própria adolescência ou da civilização? Sob condições diferentes, a adolescência apresenta-se sob outra imagem?

Além disso, em razão da natureza do tema, em decorrência do caráter desconhecido dessa vida simples numa ilha do Pacífico, tive de fazer uma descrição de toda a vida social em Samoa, selecionando os detalhes sempre no intuito de iluminar

o problema da adolescência. Questões de organização política, que não interessam à menina nem a influenciam, não foram aqui incluídas. Minúcias do sistema de parentesco ou de cultos aos ancestrais, genealogias e mitologias, de interesse apenas para o especialista, serão publicadas em outro lugar. Mas tentei apresentar ao leitor a menina samoana em seu contexto social, descrever o curso de sua vida do nascimento à morte, os problemas que ela terá de resolver, os valores que a guiarão em suas soluções, as dores e os prazeres de seu destino humano lançado numa ilha dos Mares do Sul.

Essa descrição busca fazer mais que iluminar esse problema particular. Ela deveria também dar ao leitor uma ideia sobre uma civilização diferente e contrastante, outra maneira de viver, que outros membros da raça humana consideraram satisfatória e digna. Sabemos que nossas percepções mais sutis, nossos valores mais elevados, baseiam-se todos em contraste; que luz sem escuridão ou beleza sem feiura perderiam as qualidades que agora nos parecem possuir. De maneira semelhante, se quisermos apreciar nossa própria civilização, esse elaborado padrão de vida que fizemos para nós mesmos como povo e que tanto nos esforçamos para transmitir a nossos filhos, devemos confrontar nossa civilização com outras muito diversas. Quem viaja pela Europa volta aos Estados Unidos sensível às nuances em suas próprias maneiras e em filosofias que até então lhe haviam passado despercebidas; no entanto, Europa e Estados Unidos são partes de uma só civilização. É com variações dentro de um grande padrão que o estudioso da Europa hoje ou o estudioso de nossa própria história aguça seu senso de apreciação.

Contudo, se saímos do caudal da cultura indo-europeia, a apreciação a que podemos submeter nossa própria civilização

melhora ainda mais. Aqui, nas partes remotas do mundo, sob condições históricas muito diferentes daquelas que fizeram Grécia e Roma florescer e declinar, grupos de seres humanos desenvolveram padrões de vida tão diferentes dos nossos que não podemos arriscar a conjectura de que iriam chegar algum dia às nossas próprias soluções. Cada povo primitivo escolheu um conjunto de talentos humanos, um conjunto de valores humanos, e moldou para si mesmo uma arte, uma organização social, uma religião que são sua contribuição singular para a história do espírito humano.

Samoa é apenas um desses padrões diversos e graciosos, mas, assim como o viajante que um dia se afastou de casa é mais sábio que o homem que nunca foi além da soleira da própria porta, o conhecimento de outra cultura deveria aguçar nossa capacidade de esquadrihar com mais sobriedade, de apreciar mais amorosamente, a nossa própria cultura.

Em razão do problema particular que nos propusemos a responder, essa história de outro modo de vida interessa-se principalmente pela educação, pelo processo mediante o qual o bebê, que chega desprovido de cultura à cena humana, torna-se um consumado membro adulto de sua sociedade. A luz mais forte incidirá sobre as maneiras pelas quais a educação samoana, em seu sentido mais amplo, difere da nossa. A partir desse contraste seremos capazes de passar, tendo nos imbuído de nova e vívida autoconsciência e autocrítica, a julgar de nova maneira e talvez moldar de forma diversa a educação que damos às nossas crianças.

### Nossos problemas educacionais à luz dos contrastes samoanos\*

Ao longo de muitos capítulos, acompanhamos a vida de meninas samoanas, vimos como se transformam de bebês em amas, aprendem a acender o forno e a tecer belas esteiras, abandonam a vida do grupo de crianças para se tornar membros mais ativos do lar, adiam o casamento pelo maior número possível de anos pontilhados por relações sexuais casuais, por fim se casam e começam a criar filhos que repetirão o mesmo ciclo. Até onde nosso material nos permitiu, realizou-se um experimento para descobrir como era o processo de desenvolvimento numa sociedade muito diferente da nossa. Como a extensão da vida humana e a complexidade de nossa sociedade não nos permitiram fazer nosso experimento aqui, escolher um grupo de bebês do sexo feminino e levá-los até a maturidade sob condições criadas para o experimento, foi necessário ir para outro país, onde a história armou o palco para nós.

Ali encontramos crianças do sexo feminino que passavam pelo mesmo processo de desenvolvimento físico por que passam nossas meninas, ganhavam seus primeiros dentes e perdiam-nos, ganhavam a segunda dentição, ficavam altas e desajeitadas, chegavam à puberdade com a primeira menstruação, alcançavam pouco a pouco a maturidade física e se viam prontas para produzir a geração seguinte. Foi possível dizer: aqui estão as condições adequadas para um experimento; a menina em desenvolvimento é um fator constante nos Estados Unidos

\* Capítulo 12 de *Coming of Age in Samoa*.

e em Samoa; a civilização dos Estados Unidos e a civilização de Samoa são diferentes.

No curso do desenvolvimento – o processo de crescimento pelo qual a menina se torna uma mulher adulta –, as súbitas e evidentes mudanças físicas que têm lugar na puberdade são acompanhadas por um desenvolvimento espasmódico, emocionalmente carregado, e também pelo despertar de um sentimento religioso, um florescer de idealismo, um grande desejo de autoafirmação contra a autoridade – ou não? A adolescência é um período de sofrimento mental e emocional para a menina que se desenvolve, tão inevitavelmente quanto a dentição é um período de tormento para o bebezinho? Podemos pensar na adolescência como uma etapa na história de vida de toda menina, que carrega consigo seus sintomas de conflito e tensão, tão seguramente quanto implica uma mudança em seu corpo?

Seguindo as meninas samoanas através de todos os aspectos de suas vidas, tentamos responder a essa questão e descobrimos em toda parte que tínhamos de respondê-la com uma negativa. A menina adolescente em Samoa diferia de sua irmã que ainda não chegara à puberdade em um aspecto principal: na menina mais velha estavam presentes certas mudanças físicas ausentes na mais nova. Não havia nenhuma outra grande diferença para distinguir o grupo que atravessava a adolescência daquele que entraria nessa fase dentro de dois anos, ou daquele que nela ingressara dois anos antes.

Se uma menina já púbere for menor, ao passo que sua prima é alta e capaz de realizar trabalho mais pesado, haverá uma diferença entre elas em razão da dotação física, que será muito maior que aquela atribuída à puberdade. A menina alta e robusta será isolada de suas companheiras, obrigada a

fazer tarefas mais longas, mais adultas, passará a se mostrar reservada, por força de uma mudança de indumentária, ao passo que a prima, que demora a se desenvolver fisicamente, continuará a ser tratada como uma criança e só terá de resolver os problemas ligeiramente mais reduzidos da infância. O preceito dos educadores daqui, que recomendariam táticas especiais no tratamento de meninas adolescentes traduzido em termos samoanos, seria: meninas altas são diferentes de meninas baixas da mesma idade; devemos adotar um método diferente de educá-las.

Mas depois que respondemos à pergunta que nos impusemos ainda não chegamos ao fim do problema. Outra questão se apresenta. Se for provado que a adolescência não é necessariamente um período de especial dificuldade na vida de uma menina – e ele estará provado se pudermos encontrar qualquer sociedade em que isso ocorra –, o que explica a presença do transtorno e da tensão entre as adolescentes americanas? Em primeiro lugar, podemos dizer muito simplesmente que deve haver alguma coisa nas duas civilizações para explicar a diferença. Se o mesmo processo assume uma forma diferente em dois ambientes diversos, não podemos dar nenhuma explicação em termos do processo, pois ele é o mesmo nos dois casos. Mas o ambiente social é muito diferente, e é para ele que devemos nos voltar em busca de explicação. O que existe em Samoa e está ausente nos Estados Unidos, o que existe nos Estados Unidos e está ausente em Samoa para explicar a diferença?

Essa questão tem enormes implicações, e qualquer tentativa de respondê-la estará sujeita a muitas possibilidades de erro. No entanto, se estreitarmos nossa questão ao modo segundo

o qual aspectos da vida de Samoa que afetam irremediavelmente a vida da menina adolescente diferem das forças que influenciam nossas meninas em desenvolvimento, é possível tentar respondê-la.

O cenário dessas diferenças é amplo e tem dois componentes importantes; um se deve a características propriamente samoanas, o outro a características que são primitivas.

O cenário samoano que torna o desenvolvimento uma questão tão fácil, tão simples, é a informalidade geral de toda a sociedade. Samoa é um lugar onde ninguém faz apostas muito altas, ninguém paga preços muito elevados, ninguém sofre em razão de suas convicções nem luta até a morte por fins específicos. Discórdias entre pai e filho são resolvidas com a mudança do filho para a casa em frente, entre um homem e sua aldeia, com a mudança do homem para a aldeia vizinha, entre um marido e o sedutor de sua mulher, mediante algumas belas esteiras. Nem pobreza nem grandes desastres ameaçam as pessoas para fazê-las apegar-se imensamente à própria vida e tremer de medo de vê-la interrompida. Nenhum deus implacável, irascível e severo em seus castigos perturba o padrão invariável dos dias. Guerras e canibalismo extinguiram-se há muito, e agora a maior causa de lágrimas, afora a própria morte, é a viagem de um parente para outra ilha. Ninguém se apressa na vida nem é punido com rigor por desenvolver-se devagar. Em vez disso, os talentosos, os precoces, são contidos até que os mais lentos os tenham alcançado. Nas relações pessoais, o afeto é igualmente superficial. Amor e ódio, ciúme e vingança, sofrimento e luto são questões de semanas. Desde os primeiros meses de vida, quando a criança é passada de maneira descuidada das mãos de uma mulher para as de outra, aprende-se a lição de não gostar

demais de uma pessoa, de não alimentar grandes esperanças diante de nenhum relacionamento.

Assim como sentimos que o Ocidente pune aqueles infelizes que nasceram na civilização ocidental com um gosto pela meditação e uma completa aversão pela atividade, podemos dizer que Samoa é benévola com os que aprenderam a lição de não se apegar e cruel com os poucos indivíduos que não a assimilaram. Lola, Mala e a pequena Siva, irmã de Lola, eram todas meninas mais emotivas que suas companheiras. Lola e Mala, desejando afeição de modo apaixonado e extravasando sobre a comunidade, de forma excessivamente violenta, a decepção por não a possuírem, eram ambas delinquentes, infelizes desajustadas numa sociedade que reservava todas as recompensas aos que não levavam a derrota muito a sério e se voltavam para alguma outra meta com um sorriso nos lábios.

Nessa atitude despreocupada em relação à vida, nessa evitação do conflito, de situações pungentes, Samoa contrasta fortemente não só com os Estados Unidos, mas com a maioria das civilizações primitivas. Por mais que possamos deplorar essa atitude e pressentir que as personalidades importantes e que a arte digna de nota não nascem numa sociedade tão rasa, devemos reconhecer que aqui está um forte aspecto do desenvolvimento indolor da infância para a maturidade. Pois ali, onde ninguém tem sentimentos muito fortes, o adolescente não será torturado por situações pungentes. Não existem escolhas desastrosas como aquelas com que se confrontavam jovens que sentiam que o serviço de Deus exigia que renegassem o mundo para sempre, como na Idade Média, ou cortassem fora o próprio dedo como oferenda religiosa, como entre os índios das planícies. Assim, no alto de nossa lista de explica-

ções devemos colocar a falta de sentimentos profundos, que os samoanos convencionalizaram, até transformá-la na própria estrutura de todas as suas atitudes perante a vida.

Em seguida vem a maneira extremamente impressionante pela qual todas as civilizações primitivas isoladas e muitas civilizações modernas diferem da nossa no número de escolhas permitidas a cada indivíduo. Nossas crianças crescem para encontrar um mundo de escolhas que ofuscam seus olhos não acostumados. Em religião, elas podem ser católicas, protestantes, cientistas cristãos, espiritualistas, agnósticas, ateias ou até não prestar nenhuma atenção à religião. Essa é uma situação impensável em qualquer sociedade primitiva não exposta a influência estrangeira. Há um único conjunto de deuses, uma prática religiosa aceita, e se um homem não crê, seu único recurso é crer menos que seus semelhantes; ele pode zombar, mas não há nenhuma nova fé para a qual se voltar. O povo das ilhas Manu'a dos dias atuais aproxima-se dessa condição; todos são cristãos da mesma seita. Não há conflito em matéria de crença, embora haja uma diferença de prática entre os que pertencem e os que não pertencem à Igreja. Observou-se que, no caso de várias das meninas em desenvolvimento, a necessidade de escolher entre essas duas práticas pode um dia produzir conflito. Mas hoje em dia a Igreja oferece muito pouco a jovens solteiros para forçar o adolescente a tomar qualquer decisão.

De maneira semelhante, nossas crianças se defrontam com meia dúzia de padrões de moralidade: um duplo padrão sexual para homens e mulheres, um único padrão para homens e mulheres, grupos que defendem que o padrão único deveria ser a liberdade, ao passo que outros propugnam que ele deveria ser a monogamia absoluta. Casamento experimental, casamento

por compaixão, contrato de casamento – todas essas soluções para um impasse social são expostas às crianças em desenvolvimento, enquanto as condições reais em suas próprias comunidades e os filmes e revistas as informam de grande número de violações de cada código, violações que não marcham sob nenhuma bandeira de reforma social.

A criança samoana não enfrenta nenhum dilema desse tipo. Sexo é uma coisa natural, agradável; a liberdade com que ele pode ser desfrutado é limitada por uma única consideração: status social. Filhas de chefes e esposas de chefes não devem se permitir nenhum experimento extraconjugal. Adultos responsáveis, chefes de família e mães de família devem ter muitos assuntos importantes na cabeça para que lhes sobre tempo para aventuras amorosas fortuitas. Todos na comunidade concordam quanto ao tema, os únicos dissidentes são os missionários, que discordam, mas de tal forma vã que seus protestos não têm importância. No entanto, assim que um sentimento suficiente se avolumar em relação à atitude missionária e seu padrão europeu de comportamento sexual, a necessidade de escolha, precursora do conflito, ingressará na sociedade samoana.

Nossos jovens se defrontam com uma série de diferentes grupos que acreditam em diferentes coisas e defendem diferentes práticas, a cada um dos quais algum amigo ou parente em que confiam pode pertencer. Assim, o pai de uma menina pode ser presbiteriano, imperialista, vegetariano, abstêmio, ter forte predileção literária por Edmund Burke, ser adepto da livre sindicalização e de tarifas elevadas, acreditar que o lugar da mulher é em casa, que meninas deveriam usar espartilhos, não enrolar as meias, não fumar nem andar de carro com rapazes à noite. Mas o avô materno dessa mesma menina pode ser

um baixo episcopaliano, adepto de um estilo de vida luxuoso, forte defensor dos direitos dos estados da Federação e da doutrina Monroe, leitor de Rabelais e frequentador de espetáculos musicais e corridas de cavalo. Sua tia é agnóstica, ardorosa defensora dos direitos da mulher, uma internacionalista que deposita toda a sua confiança no esperanto, devota de Bernard Shaw e dedica seu tempo livre a campanhas contra a vivissecção. Seu irmão mais velho, a quem ela admira imensamente, acaba de passar dois anos em Oxford; ele é anglo-católico, entusiasta de todas as coisas medievais, escreve poesia mística, lê Chesterton e pretende dedicar sua vida a procurar o segredo perdido dos vitrais da Idade Média. O irmão mais moço de sua mãe é engenheiro, materialista restrito que nunca se recuperou da leitura que fez de Haeckel na juventude; ele despreza a arte, acredita que a ciência salvará o mundo, escarnece de tudo que foi dito e pensado antes do século XIX e arruína a própria saúde com experimentos sobre a eliminação científica do sono. A mãe da menina tem uma disposição de espírito quietista, é muito interessada em filosofia indiana, é pacifista, não militante de causa alguma e, apesar da devoção da filha por ela, não fará nenhum gesto para aliciar seu entusiasmo. E isso pode estar no próprio lar da menina. Acrescente a isso os grupos representados e defendidos por seus amigos, seus professores e os livros que ela lê por acaso, e a lista de possíveis ardores, de lealdades sugeridas, incompatíveis umas com as outras, torna-se estarrecidora.

As escolhas da menina samoana são muito diferentes. Seu pai é membro da Igreja, e assim também seu tio. Seu pai vive numa aldeia onde a pesca é farta; o tio, numa aldeia onde há abundância de caranguejo-dos-coqueiros. Seu pai é bom pes-

cador e em sua casa há muito o que comer; seu tio é um porta-voz do chefe da aldeia e seus frequentes presentes de roupas de casca de árvore fornecem excelentes trajes para a dança. Seu avô paterno, que mora com seu tio, tem muitos segredos sobre cura para lhe ensinar; sua avó materna, que mora com sua mãe, trança leques com muita habilidade. Os meninos na aldeia do tio são admitidos mais cedo na *Aumaga*,\* e as visitas que fazem à sua casa não são muito divertidas, mas há três meninos em sua própria aldeia de quem ela gosta muito. Seu grande dilema é morar com o pai ou com o tio, problema claro e direto, que não introduz nenhuma perplexidade ética, nenhuma questão de lógica impessoal. Sua escolha não será tampouco tomada como questão pessoal, como outros familiares poderiam interpretar a lealdade de uma menina americana às ideias de determinado parente. Os samoanos terão certeza de que ela escolheu uma residência em vez da outra por razões perfeitamente válidas, porque a comida era melhor, porque ela tinha um amante numa das aldeias ou porque brigara com o amante na outra aldeia. Em todos esses casos, ela estaria fazendo escolhas concretas dentro de um padrão reconhecido de comportamento. Nunca lhe foi exigido que fizesse escolhas envolvendo uma rejeição real dos padrões de seu grupo social, como deve fazer em nossa sociedade a filha de pais puritanos que permite carícias indiscretas.

Nossas meninas em desenvolvimento não são apenas confrontadas por uma série de grupos que defendem padrões diferentes e mutuamente exclusivos; um problema mais desconcertante se apresenta para elas. Como nossa civilização é

\* Uma associação de homens jovens. (N.O.)

tecida de tantos fios diferentes, as ideias que qualquer grupo aceita revelarão numerosas contradições. Assim, se a menina tiver entregado sua lealdade entusiasticamente a um grupo qualquer e aceitado de boa-fé suas asserções de que apenas eles estão certos e todas as outras filosofias de vida são coisa do Anticristo e um anátema, seus problemas ainda não estarão encerrados. Enquanto as menos reflexivas recebem seus piores golpes na descoberta de que aquilo que seu pai acha bom é considerado ruim pelo avô, e de que coisas permitidas em casa são proibidas na escola, a criança mais reflexiva tem dificuldades mais sutis à sua espera. Se ela aceitou filosoficamente o fato de que há vários padrões entre os quais escolher, talvez ainda conserve uma fé infantil na coerência da filosofia que escolheu.

Depois da escolha imediata, que foi tão desorientadora e difícil de fazer que talvez tenha envolvido ferir seus pais ou alienar seus amigos, ela espera paz. Mas não contava com o fato de que cada uma das filosofias com que se defrontou é ela própria fruto não muito amadurecido de uma solução de compromisso. Se ela aceita o cristianismo, fica imediatamente confusa entre os ensinamentos do Evangelho relativos à paz, o valor da vida humana e a entusiástica aceitação da guerra por parte da Igreja. A conciliação feita dezessete séculos atrás entre a filosofia romana da guerra e da dominação e a doutrina de paz e humildade da Igreja primitiva ainda está presente para confundir a criança moderna. Se ela aceita as premissas filosóficas sobre as quais a Declaração de Independência dos Estados Unidos se fundou, vê-se diante da necessidade de compatibilizar a crença na igualdade do homem e nossas promessas institucionais de igualdade de oportunidades com o tratamento que dispensamos a negros e orientais. A diversidade de

padrões na sociedade atual é tão evidente que mesmo a pessoa mais obtusa, menos curiosa, não pode deixar de percebê-la. Essa diversidade é tão antiga, está de tal modo incorporada a semissoluções, a essas soluções de compromisso entre diferentes filosofias que chamamos de cristianismo, democracia ou humanitarismo, que desconcerta os mais inteligentes, os mais curiosos, os mais analíticos.

Assim, para explicar a falta de pungência nas escolhas das meninas em desenvolvimento em Samoa, devemos olhar para o temperamento da civilização samoana, que desconsidera sentimentos fortes. No entanto, para justificar a falta de conflito, devemos olhar principalmente para a diferença entre uma civilização simples, homogênea, primitiva, uma civilização que muda tão devagar que parece estática para cada geração, e outra matizada, a diversa e heterogênea civilização moderna.

Ao fazer essa comparação, há uma terceira consideração, a falta de neuroses entre os samoanos e o grande número delas entre nós. Devemos examinar os fatores na educação que as crianças de Samoa recebem na primeira infância que as adequaram para um desenvolvimento normal, livre de neuroses. Os achados dos behavioristas e dos psicanalistas dão grande ênfase ao enorme papel desempenhado pelo desenvolvimento nos primeiros anos da vida. Crianças que tiveram um mau começo revelam com frequência mau funcionamento mais tarde, quando se veem diante de escolhas importantes. E sabemos que, quanto mais severa a escolha, mais conflito; quanto mais comoção se associa às exigências feitas ao indivíduo, mais neuroses daí resultarão.

A história, na forma da última guerra, forneceu uma assombrosa ilustração do grande número de indivíduos mutilados

e deficientes cujos defeitos só apareceram sob estresse muito especial e terrível. Sem a guerra, não há razão para acreditar que muitos desses indivíduos não poderiam ter passado pela vida sem se fazer notar; o mau começo, os medos, os complexos, os maus condicionamentos da primeira infância nunca teriam dado frutos positivos o bastante para atrair a atenção da sociedade.

As implicações dessa observação são duplas. A ausência de situações difíceis em Samoa, de escolhas conflitantes, de ocasiões em que medo, dor ou ansiedade são extremamente aguçados, explicará em grande medida a ausência de desajustamento psicológico. Assim como uma pessoa com leve retardo mental não seria irremediavelmente incapacitada em Samoa, embora fosse um fardo público numa grande cidade americana, também os indivíduos com ligeira instabilidade nervosa têm chances muito mais favoráveis em Samoa que nos Estados Unidos. Além disso, o grau de individualização, o âmbito de variação, é muito menor em Samoa. Dentro de nossos limites mais amplos de desvio, há temperamentos inevitavelmente considerados fracos e não resistentes. Do mesmo modo como nossa sociedade mostra maior desenvolvimento de personalidade, ela mostra também maior proporção de indivíduos que sucumbiram ante as complicadas cobranças da vida moderna.

Apesar disso, é possível que haja no ambiente inicial da criança samoana fatores particularmente favoráveis à estabilidade nervosa. Assim como, em nossa civilização, podemos presumir que uma criança proveniente de um melhor ambiente familiar terá mais chances em todas as circunstâncias, é possível que a criança samoana não só seja tratada com mais

gentileza por sua cultura, como também esteja mais bem equipada para as dificuldades que de fato encontra.

Essa suposição é reforçada pelo fato de que crianças pequenas samoanas saem aparentemente incólumes de experiências que com frequência têm graves efeitos sobre o desenvolvimento individual em nossa civilização. Nossas histórias de vida são cheias de dificuldades tardias, cuja origem pode ser atribuída a uma experiência precoce, extremamente carregada, com sexo, nascimento ou morte. No entanto, as crianças samoanas já estão familiarizadas com essas três coisas numa idade precoce, e isso sem acidentes. É muito possível que haja aspectos da vida da criança em Samoa que a equipem particularmente bem para atravessar a vida sem instabilidade nervosa.

Com essa hipótese em mente, vale a pena considerar em maior detalhe em que aspectos o ambiente social das crianças pequenas samoanas é mais evidentemente diverso do nosso. A maioria das diferenças gira em torno da situação familiar, o ambiente que primeiro e mais intensamente afeta a consciência da criança. A organização de um lar samoano elimina de uma só tacada, em quase todos os casos, muitas das situações especiais que, segundo se crê, produzem atitudes emocionais indesejáveis.

O caçula, o mais velho e o filho único raramente ocorrem, em razão do grande número de crianças numa casa, todas recebendo o mesmo tratamento. Poucas crianças são sobrecarregadas de responsabilidades, nem se tornam dominadoras e despóticas, como acontece tantas vezes com os filhos mais velhos; nem são isoladas, sequestradas do efeito socializante do contato com outras crianças, como ocorre tantas vezes com os filhos únicos; nenhuma criança é mimada e estragada até

que sua visão acerca de seus merecimentos fique irremediavelmente distorcida, como é o destino tão frequente dos caçulas. Mas nos poucos casos em que a vida em família samoana se aproxima da nossa, as atitudes especiais que costumam acompanhar a ordem de nascimento e os laços afetivos estreitos com os pais tendem a se desenvolver.

O estreito relacionamento entre pai ou mãe e criança, que tem influência tão decisiva sobre tantos em nossa civilização, aquela submissão à figura parental ou a oposição a ela, que pode se tornar o padrão dominante de toda uma existência, não é encontrado em Samoa. Crianças criadas em casas onde há meia dúzia de mulheres adultas para cuidar delas e enxugar suas lágrimas e meia dúzia de homens adultos, todos representando a autoridade constituída, não distinguem seus pais de maneira tão nítida quanto as nossas. A imagem da mãe estimuladora, amorosa, ou do pai admirável, que pode servir para determinar escolhas afetivas depois, é um quadro composto, feito de várias tias, primas, irmãs mais velhas e avós; composto de chefe, pai, tios, irmãos e primos. Em vez de aprender como sua primeira lição que há uma mãe bondosa cuja preocupação específica e principal é o seu bem-estar, e um pai cuja autoridade deve ser acatada, o bebê samoano aprende que seu mundo é composto por uma hierarquia de homens e mulheres adultos, todos dignos de confiança e que devem ser respeitados.

A falta de sentimento especializado que resulta dessa difusão da afeição no lar é ainda mais reforçada pela segregação estabelecida entre meninos e meninas, de modo que uma criança vê as do sexo oposto como parentes tabu, seja qual for sua individualidade, ou como inimigos atuais e futuros

amantes, de novo independentemente da individualidade. A substituição da preferência pelo parentesco na formação de amizades completa o trabalho.

Quando chega à puberdade, a menina samoana aprendeu a subordinar a escolha na seleção de amigos ou amantes à observância de certas categorias. Amigos devem ser parentes do nosso próprio sexo; amantes, não parentes. Qualquer afirmação de atração pessoal ou compatibilidade entre parentes de sexo oposto deve ser objeto de zombaria. Tudo isso significa que as relações sexuais casuais não carregam nenhum ônus de forte ligação, que o casamento por conveniência, ditado por considerações econômicas e sociais, é entabulado com facilidade e informalmente rompido sem fortes emoções.

Nada poderia ser mais contrastante com o lar americano médio, com seu pequeno número de filhos, o vínculo estreito e teoricamente permanente entre os pais, o drama do ingresso de cada novo filho na cena e o destronamento do último bebê. Aqui a menina em desenvolvimento aprende a depender de poucas pessoas, a esperar as recompensas da vida de certos tipos de personalidade. Com essa primeira tendência a preferências nas relações pessoais, ela cresce brincando tanto com meninos quanto com meninas, aprendendo a conhecer bem irmãos, primos e colegas de escola. Não pensa em meninos como uma classe de pessoas, mas como indivíduos, agradáveis como o irmão de quem gosta muito, ou desagradáveis, dominadores, como o irmão com quem sempre se desentende. A preferência em matéria de constituição física, temperamento e caráter desenvolve-se e forma as bases para uma atitude adulta muito diferente, em que a escolha desempenha vívido papel. A menina samoana nunca experimenta as compensa-

ções do amor romântico tal como o conhecemos, nem sofre como uma velha solteirona que não agradou a ninguém, ou como a esposa frustrada num casamento que não satisfaz suas elevadas exigências.

Tendo aprendido um pouco sobre a arte de disciplinar o sentimento sexual em canais aprovados por toda a personalidade, nós tenderemos a julgar nossa solução melhor que a samoana. Para alcançar o que consideramos um padrão mais digno de relações pessoais, estamos dispostos a pagar a penalidade da frigidez no casamento e um enorme tributo de mulheres estéreis, solteiras, que se movem em insatisfeita procissão pelos palcos americano e inglês. Mesmo admitindo a desejabilidade desse desenvolvimento de reações sensíveis e discriminadoras à personalidade como base melhor para vidas humanas dignas que uma reação automática e indiferenciada à atração sexual, ainda podemos, à luz das soluções samoanas, considerar nossos métodos extremamente dispendiosos.

A estrita segregação de meninos e meninas aparentados e a hostilidade institucionalizada entre crianças de sexos opostos são traços culturais dos quais não demonstramos nenhuma simpatia. Estamos tentando substituir os vestígios dessas atitudes, manifestadas em nossas escolas para um só sexo, pela coeducação, por habituar um sexo ao outro o bastante para que a diferença de sexo seja desconsiderada em face das mais importantes e notáveis diferenças de personalidade. Não há ganhos reconhecíveis no sistema samoano de tabu e segregação, de resposta a um grupo, em vez de resposta a um indivíduo.

No entanto, quando comparamos o outro fator de diferença, a conclusão não é tão segura. Quais são as recompensas da pequenina e insular família biológica que opõe seu

círculo fechado de afeição a um mundo ameaçador, dos fortes laços entre pais e filhos, laços que implicam uma relação pessoal ativa do nascimento até a morte? Especialização do afeto, é verdade, mas em troca da preservação, por muitos indivíduos, durante toda a vida, das atitudes de crianças dependentes, de laços entre pais e filhos que conseguem derrotar as tentativas da criança de fazer outros ajustamentos, da transformação de escolhas necessárias em algo desnecessariamente pungente, porque elas se tornam problemas numa relação emocional intensa.

Talvez estes sejam preços altos demais a pagar por uma especialização da emoção que pode ser promovida de outras maneiras, em particular mediante a coeducação. Com essa questão em mente, é interessante observar que uma comunidade familiar mais ampla, em que há vários homens e mulheres adultos, parece preservar a criança do desenvolvimento das atitudes paralisantes que foram rotuladas de complexos de Édipo, de Electra, e assim por diante.

O quadro de Samoa mostra que não é necessário canalizar tão profundamente a afeição de uma criança para seus pais; e sugere que, embora possamos rejeitar aquela parte do arranjo de Samoa que não nos oferece nenhuma recompensa, a segregação dos sexos antes da puberdade, podemos aprender com um quadro em que o lar não domina e distorce a vida da criança.

A presença de muitos pontos de vista enfaticamente defendidos e contraditórios e a enorme influência de indivíduos na vida de seus filhos em nosso país se reforçam mutuamente para produzir situações carregadas de emoção e dor. Em Samoa, o fato de o pai de uma menina ser uma pessoa dominadora e

dogmática, o pai de sua prima ser alguém bondoso e sensato, e o pai de outra prima, uma pessoa vívida, brilhante e excêntrica, influenciará as três meninas em um único aspecto: a escolha da residência, caso um dos três pais seja chefe de um lar.

Mas as atitudes das três meninas em relação a sexo e religião não serão afetadas pelos diferentes temperamentos dos três pais, pois eles desempenham papel pequeno demais em suas vidas. Elas não são instruídas por um indivíduo, mas por um exército de parentes que incute nelas uma conformidade geral sobre a qual a personalidade dos pais tem efeito muito leve. Por meio de uma interminável cadeia de causa e efeito, diferenças individuais de padrão não são perpetuadas pela adesão dos filhos à posição dos pais; os filhos tampouco são lançados em atitudes bizarras e atípicas que poderiam constituir a base para o desvio e a mudança. Talvez ali, onde nossa própria cultura é tão carregada de escolhas, seja desejável mitigar, pelo menos numa pequena medida, o forte papel que os pais desempenham na vida dos filhos, eliminando assim um dos mais poderosos fatores acidentais nas escolhas de qualquer vida individual.

Os pais samoanos rejeitariam como indecoroso e odioso um apelo ético feito à criança em termos de afeição pessoal: "Seja bonzinho para agradar à mamãe"; "Vá à igreja por amor a seu pai"; "Não seja tão desagradável com sua irmã, isso deixa o papai triste". Onde há um padrão de conduta, e apenas um, essa indigna confusão de ética e afeição felizmente é eliminada. Mas onde há muitos padrões e todos os adultos esforçam-se desesperadamente para vincular seus filhos aos cursos particulares que eles próprios escolheram, recorre-se a meios tortuosos e não respeitáveis. Crenças, práticas e cursos de ação são

impostos à criança em nome de uma lealdade filial. Em nossa visão ideal da liberdade do indivíduo e da dignidade das relações humanas, não é agradável perceber que desenvolvemos uma forma de organização familiar que muitas vezes aleija a vida emocional, distorce e confunde, em muitos indivíduos, o desenvolvimento da capacidade de viver com a consciência de suas próprias vidas.

O terceiro elemento do padrão samoano de falta de relações pessoais e falta de afeição especializada é o caso da amizade. Aqui, principalmente, os indivíduos são inseridos em categorias, e a reação é à categoria, a um "parente", ou à "mulher do porta-voz do chefe da aldeia de meu marido", ou ao "filho do porta-voz do chefe da aldeia de meu pai", ou à "filha do porta-voz do chefe da aldeia de meu pai". Considerações de simpatia ou identidade de modo de pensar são todas eliminadas em favor de associações sistematicamente arranjadas. Atitudes como estas, claro, seriam objeto de nossa completa rejeição.

Unindo os fios dessa discussão particular, podemos dizer que uma diferença notável entre a sociedade samoana e a nossa é a falta de especialização de sentimentos, em particular de sentimento sexual, entre os samoanos. Dessa diferença decorre, sem dúvida, uma parte da facilidade dos ajustes maritais num casamento de conveniência, a ausência de friidez e impotência psíquica. Essa falta de especialização de sentimentos deve ser atribuída à família extensa e heterogênea, à segregação dos sexos antes da adolescência e à arregimentação da amizade – sobretudo ao longo de linhas de parentesco. No entanto, embora deploremos o preço em vidas desajustadas e frustradas que devemos pagar pela maior especialização do sentimento sexual em nossa própria sociedade, vemos o de-

envolvimento da resposta especializada como um ganho de que não abriríamos mão. Um exame desses três fatores causais, contudo, sugere que poderíamos alcançar nosso objetivo desejado, o desenvolvimento de uma consciência de personalidade, por meio da coeducação e de amizades não sistematicamente arranjadas; e talvez nos livrar dos males inerentes às organizações familiares demasiado íntimas, eliminando assim parte da pena que pagamos em termos de desajuste sem sacrificar nenhum dos ganhos que tanto nos custaram.

A grande diferença seguinte entre a cultura de Samoa e a nossa, à qual podemos atribuir a menor produção de indivíduos desajustados, é a diferença na atitude em relação a sexo e à educação das crianças em matérias relativas a nascimento e morte. Nenhum dos fatos do sexo ou do nascimento é considerado inconveniente para as crianças, nenhuma criança precisa ocultar seu conhecimento com medo de punição nem refletir penosamente sobre ocorrências pouco compreendidas. Segredo, ignorância, conhecimento culpado, especulações inadequadas resultando em concepções grotescas que podem ter consequências de longo alcance, um conhecimento dos simples fatos físicos do sexo sem o conhecimento da excitação que os acompanha, do fato do nascimento sem as dores do parto, do fato da morte sem a degradação – todas as principais falhas de nossa fatal filosofia de poupar a criança do conhecimento da horrível verdade – estão ausentes em Samoa.

Além disso, a criança samoana, que participa intimamente da vida de grande número de parentes, tem muitas e variadas experiências em que basear suas atitudes emocionais. Nossas crianças, confinadas num só círculo familiar (e esse confinamento está se tornando cada vez mais frequente com o cres-

cimento das cidades e a substituição de uma vizinhança de famílias proprietárias de casas por prédios de apartamentos com população transitória), muitas vezes devem sua única experiência com nascimento ou morte ao nascimento de um irmão ou irmã mais novos ou à morte de um dos pais ou um dos avós. Seu conhecimento de sexo, afora mexericos de crianças, vem de uma olhadela acidental na atividade dos pais. Isso tem várias desvantagens óbvias. Em primeiro lugar, a criança depende, para seu conhecimento, do ingresso do nascimento e da morte em seu lar; a criança mais nova numa família onde não há mortes pode chegar à idade adulta sem ter tido nenhum conhecimento próximo da gravidez, nenhuma experiência com crianças pequenas ou nenhum contato com a morte.

Grande quantidade de concepções fragmentárias da vida e da morte vai supurar na mente ignorante, inexperiente, e fornecerá um campo fértil para o crescimento posterior de atitudes desastrosas. Em segundo lugar, essas crianças extraem suas experiências de uma área de tom excessivamente emocional; podem entrar em estreito contato só com um nascimento durante os primeiros vinte anos de vida. E toda a sua atitude depende dos aspectos acidentais desse nascimento particular. Se ele é o de um irmão caçula que usurpa o lugar do mais velho, se a mãe morre no parto, se a criança que nasce é deformada, o nascimento pode parecer uma coisa horrível, acarretando apenas consequências indesejáveis.

Se o único leito de morte que a pessoa observou alguma vez é o da mãe, o simples fato da morte pode estar saturado de toda a emoção que essa perda provocou, pode carregar para sempre um efeito desproporcional às mortes particulares encontradas depois ao longo da vida. O intercurso sexual visto

apenas uma ou duas vezes, entre parentes em relação aos quais a criança tem atitudes emocionais complicadas, pode gerar diversas suposições falsas. Nossos registros de crianças desajustadas estão cheios de casos em que elas compreenderam mal a natureza do ato sexual, interpretaram-no como luta acompanhada de ódio, ou como castigo, e recuaram aterrorizadas diante de uma experiência altamente carregada.

Nossas crianças estão, portanto, na dependência de sua experiência acidental com a vida e com a morte; e aquelas experiências que lhes foram concedidas situam-se no círculo familiar íntimo, sendo por isso a pior maneira possível de aprender fatos gerais sobre os quais é importante não adquirir nenhuma atitude especial e distorcida. Uma morte, dois nascimentos, uma experiência sexual, esse é um total generoso para a criança criada sob condições que consideramos compatíveis com o padrão de vida americano.

Diante do número de exemplos que consideramos preciso dar sobre como calcular os metros quadrados de papel necessários para forrar as paredes de um quarto de  $2,5 \times 3,5 \times 4$  metros, ou sobre como fazer a análise gramatical de uma frase em inglês, esse é um baixo padrão de experiências. Seria possível alegar que essas são experiências de tão elevado teor emocional que a repetição é desnecessária. Pode-se afirmar também que, se uma criança fosse severamente surrada antes de receber sua primeira lição sobre como calcular a quantidade necessária de papel para forrar as paredes de um quarto, e que, como uma sequência da lição, visse o pai bater na mãe com o atizador de brasas, ela iria se lembrar para sempre dessa aula de aritmética. Mas aquilo que ela saberia sobre a real natureza dos cálculos envolvidos na colocação de papel de parede no

quarto é duvidoso. Em uma ou duas experiências não se dá à criança nenhuma perspectiva, nenhuma chance de relegar os detalhes físicos grotescos e estranhos do processo da vida a seu devido lugar. Falsas impressões, impressões parciais, nojo, náusea, horror, desenvolvem-se em torno de um fato experimentado somente uma vez, sob intenso estresse emocional e numa atmosfera desfavorável à consecução, pela criança, de alguma compreensão real.

Um padrão de reserva que proíbe à criança qualquer tipo de comentário sobre suas experiências contribui para a persistência dessas falsas impressões, dessas atitudes emocionais estorvadoras; questões como "Por que os lábios da vovó estavam tão azuis?" são prontamente silenciadas. Em Samoa, onde a decomposição se inicia quase de imediato, uma repugnância franca e ingênua aos odores do apodrecimento por parte de todos os participantes de um funeral priva o aspecto físico da morte de qualquer significação especial. Assim, em nossos arranjos, não é facultado à criança repetir suas experiências, não lhe é permitido discutir as que teve e corrigir seus erros.

Com a criança samoana é profundamente diferente. O intercuro sexual, a gravidez, o parto, a morte, todas essas coisas são ocorrências bem conhecidas. Ela não as experimenta de maneira ordenada – como nós, se tivéssemos de decidir por alargar o campo experimental da criança, consideraríamos essencial. Numa civilização que desconfia da privacidade, filhos de vizinhos serão espectadores acidentais e impassíveis numa casa cujo dono está morrendo ou a mulher sofreu um aborto espontâneo. As crianças têm conhecimento da patologia dos processos da vida, assim como de seu curso normal. Uma impressão corrige a anterior até que elas sejam capazes,

como adolescentes, de pensar sobre a vida, a morte e a emoção sem preocupação indevida com os detalhes puramente físicos.

Não se deve supor, no entanto, que a mera exposição de crianças a cenas de nascimento e morte seja garantia suficiente contra o desenvolvimento de atitudes indesejáveis. É provável que, mais influente até que os fatos que lhes são tão copiosamente apresentados, seja a atitude mental com que os mais velhos encaram a questão. Para eles, nascimento, sexo e morte são a estrutura natural e inevitável da existência, de uma existência que eles esperam que suas crianças mais novas compartilhem. Nosso comentário tantas vezes repetido de que "não é natural" que as crianças se defrontem com a morte iria parecer tão incongruente para eles quanto se disséssemos não ser natural que as crianças vejam outras pessoas comendo ou dormindo. Essa aceitação calma e prosaica da presença de seus filhos envolve a criança numa atmosfera protetora, preserva-a do choque e a liga mais estreitamente à emoção comum que lhe é tão dignamente permitida.

Como em todos os casos, é impossível separar aqui atitude de prática e dizer o que é principal. A distinção é feita apenas para nosso uso em outra civilização. Os pais americanos individuais, que acreditam numa prática como a samoana e permitem a seus filhos ver corpos humanos adultos e ganhar uma experiência mais ampla do funcionamento do corpo humano do que é comumente permitido em nossa civilização, estão construindo sobre areia. Pois assim que deixa o círculo protetor de seu lar a criança é bombardeada por uma atitude em relação a essas experiências na infância como coisas feias e antinaturais. É provável que a tentativa de pais individuais vá fazer à criança mais mal que bem, pois a necessária atitude

social de apoio está ausente. Este é apenas um exemplo adicional das possibilidades de desajustamento inerentes a uma sociedade em que cada lar difere do outro; pois é no fato da diferença, não na sua natureza, que reside a tensão.

Sobre essa tranquila aceitação dos fatos físicos da vida os samoanos constroem, à medida que ficam mais velhos, uma aceitação do sexo. Aqui, mais uma vez, é necessário distinguir entre as partes de sua prática que parecem produzir resultados que decerto condenamos e aquelas que produzem resultados que desejamos. É possível analisar a prática sexual samoana do ponto de vista do desenvolvimento das relações pessoais, por um lado, e da eliminação da necessidade de dificuldades específicas, de outro.

Vimos que os samoanos têm um baixo nível de apreciação de diferenças de personalidade e uma pobreza de concepção acerca das relações pessoais. A aceitação da promiscuidade contribui de maneira indubitável para semelhante atitude. A simultaneidade de várias experiências; sua curta duração; a clara evitação do estabelecimento de qualquer laço afetivo; a alegre aceitação dos ditames de uma ocasião favorável, como na expectativa de infidelidade por parte de qualquer esposa cujo marido se ausente de casa; tudo isso serve para tornar o sexo um fim, e não um meio, algo que é valorizado em si mesmo e desaprovado na medida em que tende a ligar um indivíduo a outro.

É duvidoso que esse desdém pelas relações pessoais seja completamente contingente aos hábitos sexuais das pessoas. É provável que ele reflita também uma atitude cultural mais ampla, em que a personalidade é invariavelmente desconsiderada. Mas há um aspecto em que essas mesmas práticas tor-

nam possível um reconhecimento da personalidade inúmeras vezes negado a muitos em nossa civilização, porque, a partir do completo conhecimento do sexo dos samoanos, de suas possibilidades e compensações, eles são capazes de lhe atribuir seu verdadeiro valor. Se não têm nenhuma preferência por reservar a atividade sexual para relacionamentos importantes, eles tampouco consideram os relacionamentos importantes pelo fato de proporcionarem satisfação sexual.

A menina samoana que dá de ombros diante da excelente técnica de um jovem Lotário\* está mais perto do reconhecimento do sexo como força impessoal sem nenhuma validade intrínseca que a protegida menina americana que se apaixona pelo primeiro homem que lhe dá um beijo. De sua familiaridade com o ofuscamento que acompanha a excitação sexual vem esse reconhecimento da impessoalidade essencial da atração sexual, que podemos sem dúvida lhes invejar; de práticas demasiado ligeiras, demasiado fortuitas, surge o desdém pela personalidade que nos parece tão desagradável.

A maneira como a prática sexual do samoano reduz a possibilidade de neuroses já foi debatida. Desconsiderando nossa categoria de perversão, tal como aplicada à prática, e reservando-a para o pervertido psíquico ocasional, eles erradicam todo um campo de possibilidades neuróticas. Masturbação, homossexualidade, formas estatisticamente incomuns de atividades heterossexuais, nada disso é banido nem institucionalizado. Os limites mais amplos que essas práticas propor-

\* Referência a um personagem sedutor presente em *Dom Quixote* (1605), de Miguel de Cervantes, retomado posteriormente na peça *The Fair Penitent* (1703), de Nicholas Rowe. (N.O.)

cionam impedem o desenvolvimento de obsessões de culpa, causa tão frequente de desajuste entre nós.

As mais variadas práticas heterossexuais permitidas preservam qualquer indivíduo de ser punido por um condicionamento especial. Essa aceitação de uma variação maior como algo "normal" fornece uma atmosfera cultural em que frigidez e impotência psíquica não ocorrem e que um ajustamento sexual satisfatório no casamento sempre pode ser estabelecido. A aceitação de uma atitude como essa, sem admitir de maneira alguma a promiscuidade, contribuiria muito para resolver vários impasses conjugais, esvaziando os bancos de nossos parques e nossas casas de prostituição.

Entre os fatores no esquema de vida samoano influentes na produção de indivíduos estáveis, bem-ajustados, robustos, a organização da família e a atitude em relação ao sexo são indubitavelmente as mais importantes. É necessário notar, porém, o conceito educacional geral que condena a precocidade e mima o lento, o molenga, o desajeitado. Numa sociedade em que o ritmo da vida fosse mais rápido, as recompensas melhores, a quantidade de energia despendida maior, as crianças inteligentes poderiam desenvolver sintomas de tédio. Mas o andamento mais lento ditado pelo clima, a sociedade complacente e pacífica e a compensação da dança, em sua espalhafatosa e precoce exibição de individualidade que remove parte da insatisfação sentida pela criança inteligente, evita que qualquer criança fique entediada demais. O desajeitado não é aguilhado e arrastado, forçado a andar mais depressa do que é capaz, até que, doente pelo esforço impossível, desista por completo. Essa estratégia educacional também tende a emparelhar as diferenças individuais e, assim, a minimizar a inveja,

a rivalidade e a competição, essas atitudes sociais que brotam de discrepâncias de talentos e têm efeitos de tão longo alcance sobre a personalidade do adulto.

Essa é uma maneira de revolver o problema das diferenças entre indivíduos e um método de solução extremamente adequado a um mundo adulto severo. Quanto mais tempo a criança for mantida em estado de submissão, de não iniciado, mais ela absorverá a atitude cultural geral, menos se tornará um elemento perturbador. Além disso, se lhes for dado tempo, os desajeitados podem aprender o suficiente para fornecer um sólido corpo de conservadores sobre cujos ombros a carga da civilização pode repousar em segurança. Dar títulos a rapazes seria valorizar os excepcionais; dar títulos a homens de quarenta anos, que afinal adquiriram treinamento suficiente para possuí-los, assegura a continuação do habitual. Também desestimula os brilhantes, de modo que sua contribuição social é menor que em outras condições.

Devagar, às apalpadelas, estamos abrindo nosso caminho para solucionar esse problema, ao menos no caso da educação formal. Até muito recentemente, nosso sistema educacional oferecia apenas duas soluções muito parciais para as dificuldades inerentes a uma grande discrepância entre as crianças distintamente dotadas e com diversos ritmos de desenvolvimento. Uma delas consistia em conceder tempo longo o bastante para cada passo educacional, de modo que todos, salvo os mentalmente deficientes, pudessem ter sucesso, método semelhante ao samoano, mas sem sua pista de dança compensatória.

A criança inteligente, refreada, presa a tarefas intoleravelmente enfadonhas, a menos que tivesse a sorte de encontrar alguma válvula de escape para sua energia incomum, tendia a

gastá-la com a vadiagem e a delinquência geral. Nossa única alternativa para isso era fazer a criança "pular de ano", confiando em sua inteligência superior, que lhe permitiria transpor as lacunas. Esse era um método adequado ao entusiasmo americano por carreiras meteóricas, indo desde as moradias rústicas até a Casa Branca. Suas desvantagens, ao dar à criança uma base esquemática, descontínua, e retirá-la de seu grupo etário, foram enumeradas vezes demais para que eu precise repetilas aqui. Mas vale a pena notar que, com uma valorização da habilidade individual muito diferente daquela da sociedade samoana, usamos durante anos uma solução parecida com a dela, e menos satisfatória, em nossas tentativas de educação formal.

Os métodos que educadores experimentais estão adotando em lugar dessas soluções insatisfatórias, esquemas como o Plano Dalton,\* ou as classes rapidamente mutáveis em que um grupo de crianças pode avançar em velocidade acelerada e constante, sem prejuízo para si mesma ou para seus colegas mais lentos, são um notável exemplo dos resultados da aplicação da razão às instituições de nossa sociedade. A antiga e tradicional escola americana era um fenômeno quase tão acidental e casual quanto a pista de dança samoana. Era uma instituição que se desenvolvera em resposta a uma necessi-

\* Inovação educacional introduzida por Helen Parkhurst (1887-1973) na Children's University School, em Nova York, em 1914, inspirada em educadores como Maria Montessori e John Dewey. Em 1918, o método foi adotado nas escolas públicas de Dalton, Massachusetts. Cada aluno deveria desenvolver-se em seu próprio ritmo, recebendo atenção individual dos professores ou mesmo de colegas, quando necessário. Não havia uma rotina rígida de disciplinas e os alunos eram estimulados a assumir parte da responsabilidade pela organização das aulas e do calendário escolar. (N.O.)

dade vagamente sentida, não analisada. Seus métodos eram análogos àqueles usados pelos povos primitivos, soluções não racionalizadas para problemas prementes. Mas a institucionalização de diferentes métodos de educação para crianças com capacidades e ritmos de desenvolvimento diversificados não parece nada com o que encontramos em Samoa ou em qualquer outra sociedade primitiva. Ela é o direcionamento consciente e inteligente de instituições humanas em resposta a necessidades humanas observadas.

Outro fator na educação samoana que resulta em atitudes diferentes é o lugar do trabalho e da brincadeira na vida das crianças. As crianças samoanas não aprendem a trabalhar enquanto aprendem a brincar, como os filhos de muitos povos primitivos. Nem lhes é concedido um período de falta de responsabilidade, como é permitido às nossas crianças. Desde os quatro ou cinco anos, elas desempenham tarefas definidas, compatíveis com sua força e inteligência, porém, ainda assim, tarefas que têm um sentido na estrutura da sociedade em seu conjunto. Isso não significa que elas tenham menos tempo para brincar que as crianças americanas, que ficam todo dia fechadas nas escolas, das 9h da manhã às 3h da tarde.

Antes da adoção das escolas para complicar a rotina ordenada de sua vida, o tempo que a menina samoana passava em pequenas incumbências, varrendo a casa, carregando água e tomando conta do bebê, talvez fosse menor que aquele que a aluna americana dedica a seus estudos.

A distinção não reside na proporção de tempo em que suas atividades são dirigidas e naquela em que são livres, mas sobretudo na diferença de atitude. Com a profissionalização da educação e a especialização das tarefas industriais que privaram o

lar individual de sua antiga variedade de tarefas, nossas crianças não são levadas a sentir que o tempo que de fato dedicam às atividades supervisionadas está funcionalmente relacionado ao mundo das atividades adultas. Embora seja mais aparente que real, essa falta de conexão ainda é vívida o bastante para ser um poderoso determinante da atitude da criança.

A menina samoana que cuida de bebês, carrega água, varre o chão, ou o menino que escava o chão à procura de iscas, ou apanha cocos, não tem essa dificuldade, tão óbvia é a natureza necessária de suas ocupações. A prática de dar à criança uma tarefa que ela pode desempenhar bem e jamais permitir um manejo infantil, ineficiente, de mecanismos adultos, como permitimos às nossas crianças, que batucam a esmo e destrutivamente as máquinas de escrever de seus pais, resulta numa atitude diferente em relação ao trabalho.

As crianças americanas passam horas em escolas aprendendo tarefas cuja relação visível com as atividades de suas mães e pais é muitas vezes impossível de reconhecer. Sua participação nas atividades dos adultos dá-se em termos de brinquedos, aparelhos de chá, bonecas e carrinhos, ou da manipulação sem sentido e prejudicial do sistema de luz elétrica. (Deve-se compreender que, aqui, como sempre, quando falo "americano" não tenho em mente os americanos recém-chegados da Europa, que ainda apresentam uma tradição diferente de educação. Um desses grupos seria o dos italianos do Sul, que ainda esperam que seus filhos desempenhem algum trabalho produtivo.)

Assim, nossas crianças constroem um falso conjunto de categorias, trabalho, brincadeira e escola; trabalho para os adultos, brincadeira para as crianças e escola como um inexplicável

aborrecimento com algumas compensações. Essas falsas distinções tendem a produzir toda espécie de atitudes estranhas: o tratamento apático de uma escola que não tem nenhuma relação conhecida com a vida; a falsa dicotomia entre trabalho e diversão que pode resultar em pavor do trabalho, como algo que implica responsabilidade maçante; ou o desprezo posterior da brincadeira, qualificada como algo infantil.

A dicotomia para a criança samoana é diferente. Trabalho consiste naquelas tarefas necessárias que mantêm a vida social em curso: plantio, colheita e preparo da comida, pesca, construção da casa, confecção de esteiras, cuidados com as crianças, acumulação de bens para validar casamentos, nascimentos e herança de títulos e acolhida de estrangeiros – essas são as atividades necessárias da vida, das quais todos os membros da comunidade, até a menor das crianças, participam. O trabalho não é uma maneira de conquistar o lazer; num lugar onde toda a família produz sua própria comida, suas roupas e seus móveis, onde não há uma grande quantidade de capital imobilizado e as famílias de categoria elevada caracterizam-se simplesmente por maior industriabilidade no cumprimento de obrigações mais pesadas, toda a nossa concepção de poupança, de investimento e de prazer adiado está completamente ausente. (Há até uma falta de estações claramente definidas para a colheita, o que resultaria em abundância especial de alimento e consequentes banquetes. A comida é sempre abundante, exceto em alguma pequena aldeia na qual poucas semanas de escassez podem se seguir a um período de recepções pródigas.)

Na verdade, o trabalho é algo que prossegue o tempo todo para todos; ninguém está isento dele; poucos ficam sobrecar-

regados. Há recompensa social para o industrioso, tolerância social em relação ao homem que mal faz o bastante. E há sempre lazer – e esse lazer, observe-se, não é em absoluto o resultado de trabalho árduo ou de capital acumulado, mas apenas de um clima ameno, de uma população pequena, de um sistema social bem-integrado e de nenhuma demanda social em relação a gastos espetaculares. Diversão é o que se faz com o tempo que sobra do trabalho, a maneira de preencher os amplos espaços numa estrutura de trabalho não exaustivo.

A diversão inclui dança, canto, jogos, confecção de colares de flores, flerte, conversas espirituosas e todas as formas de atividade sexual. Há instituições sociais como a visita cerimonial entre aldeias, que tem um tanto de trabalho e outro tanto de diversão. Mas as distinções entre o trabalho, como alguma coisa que se é obrigado a fazer, mas não se aprecia, e a diversão, como algo que se quer fazer; entre o trabalho como a principal atividade dos adultos e a brincadeira como o principal interesse das crianças; tudo isso está claramente ausente. As diversões das crianças são parecidas com as dos adultos em gênero, interesse e em sua relação com o trabalho. A criança samoana não tem nenhum desejo de transformar atividades adultas em brincadeiras, de traduzir uma esfera na outra.

Enviaram-me dos Estados Unidos uma caixa de cachimbos de argila para fazer bolhas de sabão. As crianças conheciam as bolhas, mas seu método nativo de soprá-las era muito inferior ao uso de cachimbos de argila. No entanto, depois de se deleitar por alguns minutos com o tamanho e a beleza incomuns das bolhas de sabão, uma menininha me perguntou se poderia, por favor, levar seu cachimbo para casa, a fim de dá-lo à mãe, porque cachimbos deviam ser usados para fumar, não

para brincar. Bonecas estrangeiras não as interessavam, e elas não têm bonecas próprias, embora crianças de outras ilhas montem bonecas com as folhas de coqueiro que as crianças de Samoa utilizam para tecer bolas. Elas nunca fazem casinhas de brinquedo, não brincam de casinha nem põem barcos de brinquedo para navegar. Meninos pequenos entram numa canoa havaiana e praticam remo na segurança da laguna. Toda essa atitude conferia maior coerência à vida das crianças samoanas do que costumamos proporcionar às nossas.

Entre nós, a inteligibilidade da vida de uma criança é medida apenas em termos do comportamento de outras crianças. Se todas as outras crianças vão à escola, aquela que não o faz se sente incongruente em seu meio. Se a menina da casa ao lado tem aulas de música, por que Mary não tem? Ou por que Mary deve ter aulas de música se a outra menina não tem? Vemos uma diferença tão acentuada entre os interesses das crianças e os dos adultos que a criança não aprende a julgar seu próprio comportamento em relação à vida adulta. Assim, as crianças muitas vezes aprendem a considerar a brincadeira algo indigno em si mesmo, e, quando adultas, desvalorizam deploravelmente seus poucos momentos de lazer.

A criança samoana, contudo, mede seu próprio ato de trabalhar ou brincar em referência a toda a sua comunidade; cada item de conduta é dignificado em termos de sua relação, percebida como o único padrão que ela conhece, com a vida de uma aldeia samoana. Uma sociedade tão complexa e estratificada quanto a nossa não pode esperar desenvolver espontaneamente um esquema de educação tão simples. Mais uma vez, teremos grande dificuldade em arquitetar modos de participação para crianças e meios de articular sua vida escolar

com o resto da vida que lhes deem a mesma dignidade que Samoa oferece às suas crianças.

A última das diferenças culturais que pode influenciar a estabilidade emocional da criança é a falta de pressão para fazer escolhas importantes. As crianças em Samoa são instigadas a aprender, a se comportar bem, a trabalhar, mas não a se apresurar nas escolhas que elas próprias fazem. O primeiro ponto em que essa atitude se faz sentir é na questão do tabu de irmão e irmã, ponto cardeal de modéstia e decência. No entanto, o estágio exato em que o tabu deve ser observado sempre é deixado a critério da menina. Quando alcançar um ponto de discernimento, de compreensão, ela passará, por conta própria, a se sentir "envergonhada" e estabelecerá a barreira formal entre eles que irá perdurar até a velhice.

De maneira semelhante, a atividade sexual dos jovens nunca é estimulada, e tampouco eles são forçados a se casar em tenra idade. Onde as possibilidades de desvio em relação ao padrão aceito são tão ligeiras, alguns anos para mais ou para menos não ameaçam a sociedade. A criança que só chega mais tarde à compreensão do tabu entre irmãos e irmãs não representa de fato nenhum perigo.

Essa atitude *laissez-faire*\* foi transportada para a Igreja cristã samoana. Os samoanos não viam nenhuma razão para se pressionar as jovens solteiras a fim de que elas tomassem decisões importantes que estragariam parte do prazer de sua vida. Haveria tempo bastante para esses assuntos sérios depois que estivessem casadas, ou mais tarde ainda, quando estivessem bem seguras dos passos que estavam dando e corressem menos perigo de cair em pecado mais ou menos a cada mês.

\* Em francês no original, com o sentido literal de "deixai fazer". (N.O.)

As autoridades missionárias, compreendendo as virtudes do avanço lento e muito aflitas para conciliar a ética sexual samoana com um código europeu ocidental, perceberam a grande desvantagem dos membros solteiros da Igreja que não estavam trancados em escolas religiosas. Por conseguinte, longe de estimular a adolescente a pensar sobre sua alma, o pastor nativo a aconselha a esperar até ficar mais velha, recomendação que ela aceita com muito prazer.

Entre nós, em especial no caso de nossas igrejas protestantes, há forte preferência pelo apelo à juventude. A Reforma, com sua ênfase na escolha individual, não se dispunha a aceitar a tácita filiação habitual à Igreja, que era o padrão católico, uma filiação marcada por dons sacramentais adicionais, mas que não exigia nenhuma conversão súbita, nenhuma renovação do sentimento religioso. A solução protestante é adiar a escolha só na medida do necessário, e, assim que a criança chega a uma idade que pode ser chamada de "idade do discernimento", faz-lhe um forte e dramático apelo. Esse apelo é reforçado pela pressão parental e social; a criança é convidada a escolher imediata e sabiamente. Embora essa posição nas igrejas que tiveram origem na Reforma e sua forte ênfase na escolha pessoal fossem historicamente inevitáveis, é uma lástima que a convenção tenha durado tanto. Ela foi adotada até por grupos reformistas não sectários, todos os quais consideram o adolescente o mais legítimo campo para sua atividade.

Em todas essas comparações entre Samoa e a cultura americana, muitos aspectos são úteis apenas para lançar um holofote sobre nossas próprias soluções, ao passo que em outros é possível encontrar sugestões para mudanças. Quer inveje-

mos ou não uma das soluções de outros povos, nossa atitude em relação às nossas soluções deve ser amplamente ampliada e aprofundada por uma consideração da maneira pela qual outros povos enfrentaram os mesmos problemas. Compreendendo que nossos meios não são humanamente inevitáveis nem ordenados por Deus, mas fruto de uma longa e turbulenta história, decerto podemos examinar, sucessivamente, todas as nossas instituições que se tornaram muito mais claras graças ao confronto com a história de outras civilizações, pesando-as na balança, sem medo de considerá-las deficientes.